

CASSIO MURILO DIAS DA SILVA
com a colaboração de especialistas

METODOLOGIA DE EXEGESE BÍBLICA



Leituras sob o aspecto diacrônico - 3

Crítica da Redação

Houve um festival de canto coral e o Zeca não perdeu nenhuma apresentação. Mas houve um fato que deixou nosso amigo intrigado: vários corais chegaram a cantar as mesmas peças, mas nunca eram iguais. Foi aí que o Zeca descobriu o que significa aquela informação que vem sempre nos programas: "arranjo vocal de Fulano de Tal". Quer dizer que cada maestro organiza as vozes, o contra-canto, a harmonia, às vezes até mudando a ordem das estrofes, segundo suas tendências pessoais e o efeito que quer produzir. É isso que significa fazer um "arranjo".

...E a Bíblia?

Será que os autores / redatores bíblicos também fizeram um "arranjo" com o material que encontraram? Teriam eles feito mudanças, inversões na ordem, prolongamentos, cortes e omissões de textos, substituições de palavras e versículos, e até composições de novos textos, com o propósito de atingir efeitos diferentes?

I. CRÍTICA (OU HISTÓRIA) DA REDAÇÃO'

Se a Crítica Literária chegou ao veredito de que o texto é compósito, a Crítica da Redação (*Redaktionsgeschichte*) deve intervir, a fim de estudar as modificações que o redator final introduziu em sua obra. A Crítica ou História da Redação surgiu como reação à Crítica das Formas (*Formgeschichte*), que considerava os autores bíblicos meros compiladores do material transmitido pela tradição (oral e escrita). Neste caso, o trabalho dos hagiógrafos teria sido apenas o de conservar e aglutinar o material recebido. Em decorrência, os livros bíblicos estariam redigidos aleatoriamente, sem uma organização do conjunto. No entanto, isso não é verdade.

A Crítica da Redação procura corrigir tal imprecisão, defendendo que os redatores bíblicos são verdadeiros autores, que selecionaram, modificaram e organizaram o material proveniente da tradição, acrescentaram (criaram) novos textos e estabeleceram uma estrutura geral da obra. Neste trabalho, o redator deixa patente seu estilo, suas habilidades literárias, sua teologia, seu *Sitz im Leben* (do autor, não do Género Literário).

Além disso, como já asseveramos no capítulo quinto, jamais podemos afirmar que dois textos (dois evangelhos, por exemplo) "*dizem a mesma coisa com palavras diferentes*". Se há modificações no texto, isto é, se as palavras são diferentes, então o conteúdo apresentado também já não é mais o mesmo, toma outras nuances, permite outras interpretações, abre outras perspectivas históricas, culturais, teológicas.

1.1. O expediente redacional dos hagiógrafos

É verdade que os hagiógrafos tiveram grande respeito pelo material que herdaram, mas isso não significa que nunca fizeram

' Para um aprofundamento sobre a história desse método, cf. ZIMMERMANN, H. *Metodologia del Nuovo Testamento*. Torino, Marietti, 1971. pp. 193-199.

mudanças. Antes, seu *Sitz im Leben*², por ser diferente daquele da fonte utilizada, tomou obrigatórias adaptações e atualizações. A forma final do Livro dos Reis, por exemplo, pode nos oferecer informações a respeito dos redatores deuteronomistas e da comunidade judaica nos tempos de sua elaboração: sua situação, suas expectativas, seus temores. Igualmente no caso dos evangelhos.

Em sua atividade literária, os redatores dos livros bíblicos efetuaram os seguintes passos³:

1. A escolha do material tradicional: Como já afirmado, os hagiógrafos são verdadeiros autores. No entanto, muitos textos não surgiram *ex novo*. Antes, foram elaborados a partir de material preexistente. Tendo em vista objetivos próprios, os hagiógrafos apropriaram-se daqueles materiais que lhes interessavam e descartaram os demais. Vejam-se, por exemplo, os relatos que o Cronista não aproveitou de Sm e Rs, bem como as períco-pes de Mc que Lc rejeitou.

2. A estruturação geral da obra: Cada redator tinha uma tese a propor e a defender. Por isso, embora Lucas, por exemplo, tenha utilizado o mesmo material que os demais sinóticos, organizou-o de forma diferente. A disposição e a estruturação do material oferecem excelentes critérios para a interpretação de um livro.

3. A moldura: Os textos herdados pelos redatores eram completos em si mesmos. Mas, não bastou aglutiná-los para obter um relato coerente. Em muitos casos, foi necessário "costurá-los", isto é, elaborar passagens e transições, por vezes transformando o texto. Esse trabalho recebeu o nome de "moldura". Há casos em que, acredita-se, a moldura já provinha da tradição. Mas, na maioria das vezes, foi expediente literário do redator, e pode nos revelar sua teologia. Por exemplo: Mc 9,2 II Lc 9,28. Segundo Marcos,

² MARXSEN, W. *El evangelista Marcos - Estudio sobre la Historia de la Redacción del Evangelio*. Salamanca Sígueme, 1981. pp. 21-22, fala de três distintos *Sitze im Leben*: o de Jesus, o da comunidade primitiva e o da comunidade do redator de Marcos (e, conseqüentemente, dos demais evangelistas).

³ GRECH, P. & SEGALLA, G. *Metodologia per uno studio della Teologia del Nuovo Testamento*. Torino, Marietti, 1978. pp. 74-75.

a transfiguração ocorre *seis dias depois da* confissão de Pedro e o primeiro anúncio da Paixão. Na versão de Lucas, porém, esses mesmos fatos distam *cerca de oito dias*. Em Marcos, a referência talvez seja a Festa das Tendas, que começava seis dias depois do Dia da Expição⁴, enquanto, em Lucas, o autor talvez queira voltar nossos olhos para Ex 24,16: no sétimo dia, Deus chamou Moisés do meio da nuvem que pousara sobre o Sinai.

4. A modificação do material tradicional: Modificar significa também interpretar. Os redatores da Sagrada Escritura não se utilizaram ingenuamente de suas fontes. Ao contrário, souberam manipulá-las em favor de seus objetivos. Além disso, uma leitura atenta pode revelar-nos tensões e contradições, nas quais se identificam tradição e redação. Esse trabalho, iniciado pela crítica literária, é desenvolvido pela crítica da redação, pois enquanto aquela se limitava a identificar a presença de elementos disturba-dores no texto, esta quer explicar o seu porquê, qual sua importância no conjunto e na teologia da configuração final do livro.

1.2. Critérios para a crítica da redação⁵

É necessário não confundir a Crítica da Redação com a Crítica Textual. Embora alguns casos brotem da mesma motivação (operar mudanças conscientes no texto recebido por tradição, oral ou escrita), a Crítica Textual preocupa-se com as mudanças ocorridas na transmissão de um texto fixado (cópias e manuscritos), enquanto a Crítica da Redação procura evidenciar as alterações operadas pelos redatores DURANTE O PERÍODO DE FIXAÇÃO do texto.

⁴ No Dia da Expição (Yom Kipur), o sumo-sacerdote penetrava no Santo dos Santos e pronunciava o nome divino; seis dias antes da transfiguração, Simão Pedro faz sua profissão de fé e pronuncia: "*tu és o Cristo*".

⁵ GRECH & SEGALLA, op. cit. pp. 75-77; ZIMMERMANN, op. cit. pp. 202-208;
BARTON, J. Redaction Criticism (OT). In: FREEDMAN, D. N. (ed.) *The Anchor Bible Dictionary*. New York, DoubleDay, 1992. v. 5, pp. 644-647;
MAINVILLE, O. *A Bíblia à luz. da História. Guia de exegese-histórico-crítica*. São Paulo, Paulinas, 1999. pp. 131-134.

Como sempre, nossos amigos exegetas sistematizaram algumas informações que indicam a presença de um expediente redacional. Entre vários outros, podemos destacar (principalmente para textos narrativos):

a) Correções estilísticas, gramaticais ou linguísticas:

Facilmente identificáveis nos sinóticos, principalmente de Lucas em relação a Marcos. Como exemplo podemos citar: o presente histórico quase sempre é mudado em uma forma do passado (Àévró [*digo*]: Mc 2,5 II Lc 5,20; ΧΤΤΟΟΤÉÀÀÇÛ [*envio*]: Mc 11,1 II Lei 9,29).

O Texto Massorético também contém exemplos desse expediente redacional. Sob esse aspecto, podemos repropor dois exemplos tratados anteriormente, por ocasião da crítica textual do AT (mudanças conscientes por razões teológicas). Em 2Sm 2-4, o nome do filho de Saul, ^{aa-tû} [*Ishbaal: homem de Baal*], é sistematicamente mudado para t-Uflira¹ [*Ishboshet: o homem da vergonha*] (alterações anti-politeístas); em Jó 2,9, o discurso da mulher de Jó, nm a^{hy}. "|\~|2 [*Abençoa a Deus e morre!*], utiliza ~p3 [*abençoar*] em lugar do pesado ""|"]t< [*amaldiçoar*] (alterações eufemísticas).

b) Explicações:

Quando quer tornar compreensível uma expressão ou uma situação que julga não muito clara ou mesmo quando quer informar ao seu leitor como o texto deve ser interpretado, o redator final introduz acréscimos elucidativos. Em alguns casos, tais explicações ocupam um ou mais versículos (Os 14,10; Ecl 12,13-14; Jo 10,6); em outros, ocorre a simples inserção de uma ou mais palavras: ôúvoq-iiç [*poder*] (Mc 14,62) i l ôWKJJ.LÇ -cot) Qeou [*poder de Deus*] (Lc 22,69). Entretanto, devemos notar que há casos especiais de explicações, que merecem ser tratados com mais atenção:

aa) **Contextualizações culturais:** Visam fazer uma ponte entre dois universos, o do autor e o do leitor. O redator fornece esclarecimentos a respeito de costumes (Est 4,2; Mc 7,2b-4) e de palavras (ISm 9,9; Mc 5,41; 14,36).

bb) Referências históricas e biográficas: O redator procura atualizar dados (Jz 19,10) e notícias históricas (2Sm 21,2);

bem como suprir informações cronológicas e biográficas (IRs 15,1-2.8; 15,33-34; Lc 2,1-3; 3,1-2).

cc) Apêndices ou acréscimos etiológicos: Nas autênticas etiologias, todo o relato é construído em função do que se afirma, isto é, a narrativa foi criada tendo em vista a explicação que se quer dar (Gn 11,1-9). Mas não é este o caso que ora tratamos. Temos um apêndice etiológico quando a explicação é acrescentada a um relato já antes existente (Gn 32,33; Jz 18,12).

c) Omissões:

Em alguns casos, os redatores de Mateus e/ou de Lucas descartam expressões ou frases de Marcos. Em Lucas, omite-se a repreensão de Jesus a Pedro (Mc 8,32-33; Mt 16,22-23), para não arranhar a imagem do apóstolo como rocha da Igreja fiel a Cristo. Algo semelhante acontece em ICr 20,1-3 (II 2Sm 11,1-12,31): o redator evita tudo o que possa ofuscar a glória e a santidade de Davi e deixa de fora o adultério com Betsabéia, o assassinio de Urias, as censuras de Natan, a morte do filho de Davi e o nascimento de Salomão (2Sm 11,2-12,25).

d) Transposições de uma imagem:

O ambiente em que vive o redator influencia seu trabalho. Lucas, por não viver em ambiente palestino, e sim helenístico, modifica alguns detalhes em seus relatos: em Mt 7,24-27, a casa é fundada sobre a rocha; em Lc 6,47-49, porém, é necessário primeiro escavar, aprofundar e, por fim, lançar o alicerce. Outros casos: Mc 2,4 II Lc 5,19; Mc 4,21 II Mt 5,15 II Lc 8,16; 11,33.

e) Transposições de textos tradicionais:

Não se trata da citação (explícita ou implícita), e sim da aplicação de um texto da Escritura em outro contexto. Com o mesmo título: *rai-IBI ^Kltt?' 33-1 •'3K •'3S [Meu pai! Meu pai! Carro de Israel e sua cavalaria!]* são conclamados Elias e Eliseu (2Rs 2,12 II 2Rs 13,14). A questão é: Quem contaminou quem? Os comentaristas preferem considerar tal título como uma ex-

pressão originária do ciclo de Eliseu (por causa de sua atuação política) e que os redatores deuteronomistas aplicaram a Elias. Na "paixão de Estêvão" (At 6,13-14), também comparecem falsas testemunhas, com as mesmas acusações anteriormente feitas a Jesus (Mc 14,57-58; Mt 26,60-61).

f) Deslocamentos ou inversões:

O redator utiliza livremente as fontes de que dispõe e varia a ordem dos elementos, quer alterando a sequência dos acontecimentos narrados, quer invertendo os elementos dentro de uma mesma perícopes.

Inversões entre perícopes: O cronista faz Davi ir buscar a Arca da Aliança em Kiriath-Jearim antes de iniciar a construção de seu palácio (1 Cr 13 II 2Sm 5-6). Jesus é batizado antes (Mc 1,9-11; Mt 3,13-17) ou depois (Lc 3,19-22) da prisão de João Batista?

Inversões dentro da mesma perícopes: Qual a ordem exata das tentações sofridas por Jesus no deserto? Deserto - Jerusalém - monte (Mt 4,1-11)? Ou deserto - monte - Jerusalém (Lc 4,1-13)? Um dos dois evangelistas modifica a fonte comum a ambos. Qual a razão? Teológica, mnemônica ou literária?

g) Acréscimos de outros textos da tradição e de ditos errantes:

Aforismos independentes e fragmentos pertencentes a fontes tradicionais provocam uma ruptura no texto em que são encaixados ou mudam totalmente o sentido do relato, 1 Cr 4,9-10.38-43 interrompe as listas de descendentes de Judá e de Simeão, para reportar episódios particulares; Mt 22,11-13 transforma profundamente a parábola original (Mt 22,1-10 II Lc 14,16-24).

Como *lógon* (dito) errante, podemos citar *Oíkoç wovxai ol êo/tt-coí npróTOL Ktti ol TTpcóTOL 'éo^ttTOL* [*Com efeito, os últimos serão (os) primeiros e os primeiros (serão os) últimos*], que encontramos em Mt 20,16; Mc 10,31; Lc 13,30 e no próprio Mt 19,30, sempre em contextos diferentes.

h) Inserções de ditos tradicionais:

Entre a parábola do semeador (Mc 4,3-9) e sua explicação (Mc 4,13-20), Marcos insere um *lógion* que fala da inteira atividade de Jesus (w. 11-12). Para introduzi-lo, faz, de próprio punho, uma observação marginal (v. 10).

i) Acréscimos de relatos complementares:

Episódios provenientes da tradição oral ou de outras fontes escritas (documentos paralelos e arquivos oficiais) foram aproveitados por razões teológicas e/ou literárias. Os seis apêndices de 2Sm 21-24 interrompem a crônica das intrigas palacianas relativas à sucessão dinástica e ilustram o reinado de Davi. O sonho da mulher de Pilatos (Mt 27,19), talvez oriundo da tradição oral, provoca uma dilação e acrescenta um sabor dramático ao processo de Jesus.

j) Abreviações da fonte:

Lucas e, sobretudo, Mateus não hesitaram em abreviar Marcos, quando o consideraram muito detalhista e prolixo: Mc 5,1-20 II Mt 8,28-34 II Lc 8,26-39; Mc 4,30-32 II Mt 13,31-32 II Lc 13,18-19. Nesse sentido, deve ser entendido o já citado texto ICr 20,1-3 (II 2Sm 12,26-31).

k) Composição com "palavra-gancho":

A presença da mesma palavra pode motivar a aglutinação de ditos e provérbios originariamente independentes. Tal recurso, provavelmente, tem finalidade mnemônica: Pr 15,13-14 (3^{1?} [cora-ção]).16-17 (31Q [bom, melhor}); 26,1-12 (*"03 [estulto}); Mc 9,42 (oKttvôaÀiÇfcû [escandalizo/faço tropeçar}) + 9,43-48 (oKKrÔKÀiÇcû + TTÛp [escandalizo /faço tropeçar + fogo]) + 9,49 (irûp + KÀiCfcû [fogo + salgo}) + 9,50a (aÀccç [sal]) + 9,50b (ttÀ«ç [sal]).

l) Conexões hermenêuticas de textos independentes:

No caso anterior, a justaposição de textos é motivada pela presença, já no material tradicional, de uma palavra comum; neste caso, a costura é construída intencionalmente pelo redator e, por

vezes, possui uma finalidade hermenêutica, isto é, indica em qual sentido a nova perícopé (ou o conjunto) deve ser interpretada.

Em geral, utilizam-se indicadores de sucessão cronológica para realizar passagens de um texto a outro: *WTn nua •'m [e aconteceu naquele tempo}* (Gn 38,1); *Gin Q"Q"3 "m [e aconteceu naqueles dias}* (Ex 2,11); *kv ÉKÉLI^CO TCÚ Kttípcû [naquele tempo}* (Mt 11,25; 12,1); *TÓTC [então}* (Mt 9,14; 11,20);

^"'inK ""Tl [e aconteceu depois disso} (ISm 10,1); *\i^m TKÛTK [depois disso}* (Lc 5,27; Jo 3,22; 5,1). Entretanto, pode acontecer de não haver nenhum ligame e novo episódio simplesmente começar com um novo início: *"m [e aconteceu/havia (= era uma vez,)]* (Jz 17,1); *rjv 5é [ora, havia]* Jo 3,1); *K(XL kyw^w [e aconteceu (que)]* (Mc 2,23); *1 [e / então]* (Gn 21,1; Ex 1,8); *mi [e]* (Mc6,6b.14;Lc6,14).

m) Sumários:

Típicos da narrativa, os sumários são versículos que apresentam uma série de eventos de forma sintética. Detectam-se, nos sumários, três distintas funções, por vezes, simultâneas: (a) abreviar a narrativa, para chegar logo ao episódio que realmente interessa; (b) assinalar a conclusão ou o início da cena; (c) dar o sentido do que acaba de ser exposto (sumários analépticos ou retrospectivos) ou do que virá a seguir (sumários prolépticos ou prospectivos). O sumário diferencia-se da "moldura", pois apresenta o sentido dos acontecimentos e, por isso, serve como fonte primária para se estudar a teologia do redator. Sumários analépticos: Js 5,4-5; ISm 2,18-21; 2,26 II Lc 2,40.52 (!); Mc 1,34;

4,33-34; Lc 1,80. Sumários prolépticos: ISm 15,35; 2Sm 14,24 (cf.2Sml4.28); At 4,32-35.

n) Indicações geográficas e topográficas:

Quando quer situar o ambiente físico em que determinado evento acontece, o autor / redator dá ao leitor as coordenadas espaciais gerais (nome da cidade ou da região) e, eventualmente, as coordenadas espaciais específicas (dentro ou fora da casa, pelo caminho, sobre o monte etc.). As primeiras são consideradas indicações geográficas; as segundas, indicações topográficas.

Nos evangelhos, algumas dessas indicações provêm da tradição (Cafarnaum, em Mc 2,1; Cesaréia de Filipe, em Mc 8,27). Mas a necessidade de unir redacionalmente os episódios isolados levou os evangelistas a compor verdadeiras "geografia e topografia teológicas". O termo *ôpoç [montanha]*, em Mt (5,1; 15,29), é o local de onde Jesus, o novo Moisés, revela a nova Lei, ao passo que, em Lc (6,12; 9,28), é o local da oração solitária; na obra lucana, Jerusalém é o centro da história da Salvação (Lc 1,8-23; 2,22-38; At 1,8; 2,1-4; 19,21).

Nas primeiras redações do Deuterônimo, parece que a lei do santuário único não se referia a Jerusalém (Dt 12; 14,22-29; 15,19-23), e sim a um dos lugares santos do Reino do Norte: Siquém (Dt 11,29-30; Js 8,30-35) ou, mesmo. Silo (Jr 7,12).

o) Cumprimentos do Antigo Testamento:

A fim de evidenciar a realização das Escrituras, os autores neotestamentários referem-se constantemente ao Antigo Testamento, por meio de citações, ora explícitas, ora implícitas. As citações explícitas podem ou não ser introduzidas por uma fórmula de cumprimento (Mc 14,49; Mt 1,22-23; 2,15.17-18; Lc 24,44; Jo 12,38-40). Por sua vez, as citações implícitas se dão pela ocorrência de palavras-gancho (Mt 24,15 II Dn 9,27; 11,31).

p) Referências bibliográficas:

Também são citações, mas diferem-se das tratadas no item anterior, por afirmar que o texto (anterior ou a seguir) traz o resumo ou o extrato de uma fonte da qual se serve o redator: IRs 14,19.29; ICr29,29-30⁶; IMc 8,22.

q) *Leitmotive*⁷ (motivos condutores):

A estilização de personagens, de situações ou de eventos pode gerar, em um mesmo livro, diferentes episódios, de forma a estabelecer o fio condutor (ou um deles) do relato. Como exemplo

⁶ Cf. a nota y da *TEB*.

⁷ Uma situação ou um personagem típico que é utilizado em diferentes episódios é denominado "motivo" (etimologicamente "que coloca em movi-

de situações podemos citar as pragas do Egito *versus* a dureza do coração do Faraó (Ex 7-10) e as ordens de silêncio dadas por Jesus em Mc (1,25.43-45; 7,36; 8,30). Em se tratando de personagens, o redator constrói uma espécie de perfil psicossocial: Saul é sempre mais reprovado, enquanto Davi é sempre mais exaltado (1 Sm 16 - 2Sm 1); os discípulos de Jesus não compreendem seu Mestre (entre outras: Mc 8,31-33; 9,30-37; 10,32-45).

r) Títulos e subtítulos:

Esse recurso pode identificar o início de uma coletânea (Pr 10,1), de uma fonte (Jr 46,1; Is 38,9) ou, mesmo, de uma obra (Ecl 1,1; Mc 1,1).

1.3. Expediente redacional também na LXX⁸

Ao falarmos na Septuaginta (LXX) como a versão grega do AT, duas considerações devem ser feitas. A primeira refere-se ao texto hebraico que está na base (em alemão, a *Vorlage*) de tal tradução. Não se trata do Texto Massorético, mas de outro texto hebraico, anterior e, com certeza, mais original que o Texto Massorético. A segunda refere-se ao processo mesmo da tradução. Influenciados pela tendência midráshica, que se faz presente até mesmo no Texto Massorético, os tradutores realizam um trabalho de verdadeira adaptação ou, como diríamos hoje, inculturação do texto para o ambiente social, histórico e cultural em que vivem.

Esses dois pressupostos inserem a LXX no processo de Revelação e de Inspiração. Com efeito, há estudiosos que defen-

mento"). Quando o motivo se repete em um texto ou em uma obra, fala-se de *Leitmotiv*. O motivo, por estar ligado à origem e à transmissão do texto, é estudado pela crítica da tradição, enquanto o *Leitmotiv* é estudado pela crítica da redação, pois trata-se de um motivo assumido e reiteradamente usado pelo autor.

Tov, E. *The Text-Critical use of the Septuagint in Biblical Research*. Jerusalém, Simor, 1981; LÊ DÉAUT, R. La Septante, un Targum?. In: ASSOCIATION CATHOLIQUE FRANÇAISE POUR L'ETUDE DE LA BIBLE. *Eludes SW lê Judaïsme Hellénistique*. Paris, Cerf, 1984. pp. 147-195.

dem a canonicidade e a inspiração da LXX. Isso equivale dizer que nossas Bíblias deveriam conter DOIS Antigos Testamentos:

o hebraico e o grego. Nada de se admirar, pois temos QUATRO evangelhos!

Pois bem, utilizando alguns dos critérios do elenco que acabamos de apresentar, podemos compreender as diferenças entre o Texto Massorético e o seu "irmão" grego. Não nos referimos, neste momento, aos casos que a Crítica Textual considera mudanças inconscientes: diferentes manuscritos, confusão de letras, erro na divisão das palavras etc. Interessam-nos as mudanças conscientes: glosas, omissões, estilismos.

A lista dos casos é enorme. Por isso, vejamos apenas alguns:

a) Adições:

A LXX surge como tradução litúrgica e, portanto, deve ser compreendida imediatamente. Nesta busca de clareza, os tradutores acrescentam vários elementos que não estão presentes no texto original. Entre outros textos, podemos citar Gn 9,22; Ex 32,26; Js 5,3; Jó 5,27.

Jó 5,27:

<i>quanto a ti, sabe por ti mesmo</i>	ou Se Y^ÛÔL oecaJTO £'L TL 'ÉTTpttÇttÇ <i>quanto a ti, fica sabendo por ti mesmo se fizeste algo</i>
---------------------------------------	--

b) Omissões:

Inversamente ao caso anterior, os tradutores omitiram vários outros elementos, por considerá-los supérfluos. Js 4,14; 5,8.

Js4,14:

•ire< WTI rnûQ[-nt< WT "ittwj? <i>e eles o temeram como [havi- am temido] a Moisés</i>	KKL è()opowro ctû-ròv cûoïïep [] Mwvor\ v <i>e eles o temeram como [] a Moisés</i>
---	---

c) Mudanças interpretativas:

Textos difíceis exigem uma interpretação imediata. Por isso, os tradutores operaram algumas mudanças. Gn 1,1; 6,9; 2Sm4,6; 17,3.20; Is 9,13.

2Sm 17,3:

<p style="text-align: center;">T" w nan-^3 -Q-^1^</p> <p>I •• •• T T T T • T</p> <p style="text-align: center;">-on aims ĩ ?:IQ nrw •wt< a^n ũ'h^ rrn" aan-bs</p> <p><i>Farei retornar a ti todo o povo. Como a volta de todos (é) o homem que procura. Todo o povo estará em paz.,</i></p>	<p>KKL èIHOTpél JCû TTttVTO TÒV <i>kd,bv</i> TTPÒÇ Oë, OU TpÓITOr èITLOTpé(J36L T\ VV\ <^r\ TTPÒÇ TOV ttvôptt. ttUTT ç- •nkr\ v ^ivwv <i>kv'OQ</i> (XvÔpÒÇ OU çT T:ÉLÇ, KttL TMim TCû ÀttCû ^OTOCL elpr i^r .</p> <p><i>E retornará a ti o povo todo, como retoma a noiva a seu marido. Pois buscas a vida de um só homem, e para todo o povo haverá paz.</i></p>
---	--

d) Substituições de palavras raras (e hapax legómena) por palavras comuns:

Quando o texto Hebraico traz um vocábulo raro ou um *hapax*, os tradutores optam por outro mais simples e mais coloquial, mesmo em se tratando de um nome próprio. Gn 33,19; Nm 13,33; Js 24,32; Jó 42,11; SI 78,25.

Gn 33,19:

<p>moeda? quantidade de dinheiro? ou uma antiga medida de peso, de valor desconhecido? Aparece 3 vezes no TM.</p>	<p><i>enevoe, cordeiro (!)</i></p>
--	------------------------------------

e) Adaptações e atualizações midráshicas:

Ocorre, principalmente, com termos técnicos de administração (Is 19,2), de culto (Is 22,15) etc. Detalhes referentes à geografia, ao habitat e ao modo de vida dos egípcios ficam patentes na versão grega (Gn 41,45; 45,10; Ex 1,11; 10,13; Is 27,12).

ExIII:

nina ¹ ; 'n-ró&a •'ia p"i ooaa-rrwi ahs-nx	KOCL tOKOÔO^nOKV TTÓÂ.ÇLÇ Ô^UpttÇ TCû 3)ttpCCtû, X\\V TC 1116(41 «ca Pqiëoori KaX Q.v, 'r\ kaxw 'HÁLOU TTÓÂLÇ. <i>e edificou cidades-entrepostos para o Faraó: Pitom e Ramsés e On, que é Heliópolis</i>
--	---

f) Atualizações históricas:

Os tradutores da LXX não evitam substituir os nomes antigos e obsoletos pelos usados em seu tempo (Dt 2,23; Is 37,38; 49,12; Dn 11,30). O mesmo princípio de atualização leva esses mesmos tradutores a introduzir elementos da história sua contemporânea (Dt 26,5; Is 9,11; Os 8,13, Est 8,12k.n).

Is 37,38:

B-I-IX rw IB^Q] -iam T T -: I ••••• : : - T •• :	KUTOL 5e ÔLeocierioctv elç 'Ap\iwio.v <i>e eles fugiram para a Arménia</i>
--	--

e eles fugiram para a terra de Ararat

Is 9,11:

a-TI^BI ... 01t<	Supittv ... KCU •rouç "EÀÀnvtç <i>Síria... e os gregos</i>
------------------	---

Aram... e os filisteus

g) Mudanças de ordem teológica:

Certas divergências entre o Texto Hebraico e a LXX não se devem apenas a questões de tradução ou esclarecimentos de tipo targúmico. Elas podem ter um valor teológico. Entre outros, destacamos:

aa) Deus: Há uma evolução na concepção da divindade e de suas relações com o homem: Deus se revela (Ex 33,13), perdoa (Jó 42,9-10), cura dos pecados (Dt 30,3), educa Israel (Os 5,2). Também a ideia de um Deus guerreiro é alterada, para não ofender a sensibilidade de alguns judeus helenistas (Ex 15,3;

Is 42,13; Jt 9,7). Quanto aos antropomorfismos, embora não haja uma regra fixa, há uma tendência a evitá-los e substituí-los por uma teologização ou uma espiritualização (Gn 18,30.32; Nm 1,53).

bb) Anjos: Também a angeologia conhece um notável desenvolvimento no período intertestamentário. Há textos em que a Torah grega afasta-se do hebraico e introduz anjos (Ex 4,24; Dt 32,8.43), que, agora, tomam-se os intermediários entre Deus e o homem (Dt 4,37; 26,8; Is 63,9).

cc) Torahcentrismo: O próprio vocabulário da LXX (*&vo[ioc, [quem não segue a Lei, perverso, transgressor}*: 3Mc 6,12; Trttpfwo|J,Ltt [*transgressão}*: 4Mc 4,19; (xvo|-iitt [*iniquidade, desrespeito à Lei}*: Jt 5,21; Sb 5,23; Eclo 21,3) e, principalmente, a exaltação da Lei no âmbito religioso (Eclo 24,23; Pr 13,15;

4Mc 1,17) são manifestações de uma cada vez maior centralidade da Torah no judaísmo antigo.

1.4. Um exemplo

Para estudar a redação de nossa perícopa, precisamos retomar as informações trazidas pela Crítica Literária. Naquela ocasião, havíamos identificado a presença de elementos distúrbadores e chegado à conclusão de que estamos diante de um texto não unitário, e sim compósito.

Agora, nossa tarefa consiste em procurar dizer por que o redator operou tais mudanças e qual a função delas no texto e, se

possível, no conjunto da obra. Relendo Mc 4,35-41 com os critérios há pouco enumerados, encontramos o seguinte:

Os segmentos 35a-36a constituem, claramente, uma **moldura**, pois estabelecem uma transição entre o discurso parabólico (encerrado com o sumário dos vv. 33-34) e a travessia do mar. Neste caso, a moldura é bem dilatada, englobando outros critérios:

a) uma **conexão hermenêutica**, em 35b-c (ἐν κκΓΐνρ\ ρρj r)[-iéptt ὀιηκç ὕçvo/iwr\Q [naquele dia, quando se fez tarde]), por meio da qual Marcos constrói uma **ligação cronológica** estreita e imediata com o apresentado anteriormente;

b) o **deslocamento topográfico**, em 35d-36a (Αι.έÀ9(Jû|J, ev elç TO TrépKV. Kttl tt^érreç xbv οJ\QV {"Atravessemos para a outra margem". E, tendo eles despedido a multidão}), deve ser considerado um acréscimo redacional que visa **explicar** a mudança de cenário (da praia para o meio do lago) e o desaparecimento da multidão.

Vê-se, pois, que Marcos quer criar uma conexão com o narrado anteriormente. Entrementes, a composição do texto deixa uma questão em aberto: De quem é a iniciativa de atravessar o mar? De Jesus (35d) ou dos discípulos (36b)? Para suprir tal lacuna, Marcos acrescenta o fragmento υç r\ν [como estava] (36b): além de coligar a presente perícopé a 4,1, ameniza a força de •iïtpttÀçq-ípcwouoiv avwv [tomam-no consigo]. Atribuindo a iniciativa ao Mestre, Marcos estabelece uma continuidade entre a presente travessia e a decisão, tomada por Jesus em 1,38, de levar o Evangelho a toda parte.

A própria travessia deve ser analisada com mais atenção. Entre 4,35 e 8,22, ocorrem nada menos que cinco travessias do mar da Galiléia: 4,35-5,1; 5,21; 6,45-53; 8,10; 8,13; 8,22. Desde muito tempo, os estudiosos perceberam que há, nesses capítulos, um ciclo duplo de milagres: Jesus realiza, em território pagão, os mesmos milagres que opera em território judeu. Além disso, em seu aspecto objetivo, a geografia de Marcos é bastante confusa e, em nosso caso, o itinerário percorrido por Jesus sobre o lago é mais um zigue-zague do que travessias propriamente ditas. Trata-

estranhamente, os companheiros mais íntimos de Jesus são sempre os últimos a captar o real significado dos acontecimentos.

Em conclusão, podemos afirmar que o expediente redacional de Marcos converteu a narrativa, originalmente um "relato de salvação marítima", em um "relato de discípulos", no qual a epifania da autoridade e do poder de Jesus serve como pretexto para uma discussão sobre a incredulidade de seus seguidores". Essa estratégia literária do redator tem uma finalidade eminentemente catequética: corrigir falsas ideias a respeito do Messias e da era messiânica e levar os discípulos a um compromisso radical com o Mestre, a ponto de não renunciar ao discipulado diante da perseguição e das crises.

1.5. Exercícios

Como vimos, o expediente redacional dos hagiógrafos pode provocar vários tipos de transformações no material do qual se serviram ao longo da composição dos livros bíblicos. Os textos propostos como exercício ao longo dessa metodologia, quais surpresas ainda nos reservam?

Antigo Testamento: Gn 39,1-6a; 2Sm 16,5-14; 2Rs 4,1-7; Is 21,1-10; 45,1-7.

Novo Testamento: Mt 11,20-24; 26,6-13; Mc 1; Lc 6,1-11; Rm 11,16-24; Ap 3, 1-6.

E, para quem quer mais, exercícios complementares:

Rt 4,7; 2Sm 13,1; Pr 31,1; Es 7,11; Jz 10,1-2.3-5; Lc 23,39-43; Jo 4,1-3; At 6,1-7.

2. *SITZ IN DER LITERATUR* (COLOCAÇÃO LITERÁRIA)

Uma vez estudadas as modificações que o redator final introduziu em sua versão, a crítica da redação pergunta-se sobre

" GNILKA, J. *El Evangelio según San Marcos*. Salamanca, Sígueme, 1986. v. 1, pp.225-226.

a colocação literária da perícopes no conjunto da obra. É o *Sitz In der Literatur*. Trata-se de contextualizar a perícopes, a partir de sua função no desenvolvimento geral da obra.

Utilizando os mesmos critérios de delimitação do texto, mas fazendo um caminho oposto, procura-se, agora, explicar as relações entre a perícopes que estudamos e suas adjacentes. Com isso, quer-se identificar e delimitar um bloco de perícopes que, de alguma forma, estejam coligadas. Esse bloco, por sua vez, também se relaciona com os blocos seus adjacentes, com os quais forma um bloco ainda maior, e assim por diante. É a partir dessas conexões que o *Sitz in der Literatur* busca uma compreensão do conjunto do livro.

Além disso, não sejamos "franco-atiradores", começando do zero. Muitos já realizaram este trabalho antes de nós. Portanto, consultemos os comentários de que pudermos lançar mão. Um só não basta, pois, ainda que os estudiosos utilizem os mesmos critérios, sempre há espaço para interpretação e subjetividade, o que ocasiona discordâncias quanto às delimitações dos blocos e o nome pelo qual devem ser tratados. Por isso, confrontemos vários autores e procuremos compreender as razões de suas opções. Caso tenhamos nossa própria interpretação, não nos esqueçamos de formulá-la de modo coerente.

2.1. O problema da terminologia ... ainda uma vez!

Infelizmente, não há uma uniformidade, por parte dos exegetas, quanto aos termos pelos quais se deve designar as várias divisões e subdivisões do texto. Alguns falam de "cena", outros, de "sequência", em lugar do genérico "perícopes". Esta, por sua vez, pode ser subdividida em "quadros" ou "atos". Tal inconsistência é devida, grandemente, à subjetividade dos estudiosos.

Como nossa finalidade não é encontrar a solução definitiva para tal discussão, e sim introduzir nosso leitor na problemática, vamos adotar uma terminologia menos complicada e, de certa forma, já consagrada: perícopes, subseção, seção, parte, obra ou livro. Várias perícopes formam uma subseção; várias subse-

coes formam uma seção; várias seções formam uma parte; as várias partes compõem a obra.

Um esquema básico pode ser o seguinte:

PERÍCOPE PERÍCOPE PERÍCOPE	SUBSEÇÃO	SEÇÃO	PARTE	OBRA
PERÍCOPE PERÍCOPE PERÍCOPE	SUBSEÇÃO			
PERÍCOPE PERÍCOPE PERÍCOPE	SUBSEÇÃO	SEÇÃO		
PERÍCOPE PERÍCOPE	SUBSEÇÃO	SEÇÃO	PARTE	
PERÍCOPE PERÍCOPE PERÍCOPE PERÍCOPE	SUBSEÇÃO			
PERÍCOPE PERÍCOPE PERÍCOPE	SUBSEÇÃO	SEÇÃO		

No entanto, o fato de um estudioso usar esses ou outros termos (e fazê-lo com rigor) não significa, necessariamente, que sua proposta de divisão e de estruturação geral da obra seja sustentável. Trata-se apenas de uma questão de terminologia. Pode ocorrer de um exegeta usar outros rótulos, mas ter detectado com precisão as divisões, as passagens e as rupturas no conjunto.

2.2. Contexto, plano e escopo ¹²

A partir do que acabamos de afirmar, podemos dizer que o *Sitz in der Literatur* busca evidenciar as relações, manifestas ou latentes, entre o texto que estudamos e as demais perícopes do mesmo livro. Nessa abordagem, busca-se estabelecer os **contextos** próximo e remoto de determinada perícopa, o **plano** geral da obra e o **escopo** pretendido pelo autor/redator.

Esclareçamos cada um dos termos em itálico, começando pelo *contexto*, que pode ser próximo ou remoto.

a) *Contexto próximo*: Também chamado contexto imediato. Trata-se da articulação da perícopa que estudamos com a que imediatamente a precede e com a que imediatamente a segue.

b) *Contexto remoto*: Refere-se ao relacionamento de nossa perícopa com outras um pouco mais distantes, menos estreitamente a ela ligadas. Abrange perícopes da mesma ou de outras subseções, ou até mesmo de outro livro, no caso de uma obra em mais de um volume (como a obra do Deuteronomista, ou a de Lucas). Não se trata de referências paralelas ou citações da escritura, e sim de pressupostos no desenvolvimento da trama ou do argumento.

Quando dividimos uma obra em partes, seções e subseções, estamos, em outras palavras, buscando estabelecer o *plano* geral de tal escrito. Para logarmos tal objetivo, são de extrema valia os critérios para a delimitação do texto (cf. capítulo terceiro), pois eles constituem o elemento objetivo deste trabalho, isto é, quais os indícios com os quais o hagiógrafo assinala o fechamento ou o início de uma nova parte ou de uma nova seção em seu escrito.

Por *escopo*, designa-se a finalidade a que o autor se propõe, qual o objetivo que tem em vista ao escrever sua obra.

Contexto, plano e escopo são elementos que se mesclam em uma obra e, portanto, devem ser considerados juntos. Apenas

¹² TERRY, M. S. *Biblical Hermeneutics*. 4. reimpr. Grand Rapids, Zondervan, 1976. pp. 210-220; EGGER, W. *Metodologia Bíblica*. São Paulo, Loyola, 1994. pp.54-55.

por uma questão metodológica é que são tratados em separado. Podemos começar estudando o escopo do livro (qual tese o autor quer provar). Em seguida, buscaremos estabelecer o plano da obra (quais as divisões e subdivisões). Com isso, tomaremos consciência dos contextos próximo e remoto do texto que analisamos (com quais outras perícopes a nossa se articula).

Dito de outra forma, a articulação da perícope que analisamos com outras perícopes (contexto imediato e contexto remoto) não é algo aleatório, mas deve ser considerada a partir da organização geral da obra (plano), a fim de evidenciarmos como e em que medida essa mesma pencope colabora para que o autor prove suas teses (escopo).

2.3. Um exemplo

a) O escopo:

Começamos procurando identificar o que o autor pretendia transmitir com seu escrito. Marcos não inicia seu relato sem antes nos dar a conhecer suas pretensões: 'Ap^t] TOÛ *çvayyⁱov* 'ITIOOÛ Xp LOTOU uloû Qeoû [*Início do Evangelho de Jesus Cristo Filho de Deus*] (Mc 1,1). Além de ser o título do livro, tal versículo já exprime o que a obra em seu conjunto pretende ser: uma apresentação do surgimento e dos primeiros passos ("início") da Boa Nova de Jesus.

A partir de tal compreensão do título, podemos abordar também a discussão a respeito do final de Marcos. Várias foram as propostas que visavam superar a dificuldade causada pelo insólito Mc 16,8, considerado a conclusão original: KKL èÇeróoûoKL 'éⁱvyov OTO TOU ^rn-ieLOU, el^v yàp *avmç*, Tróⁱoç KCL\ 'eKo-rctOLç-Kttl ouðem ouðei/ eliw è4)opowco *yàp* \e *sáiram e fugiram do túmulo, pois o temor e o estupor as possuíam; e não disseram nada a ninguém, pois estavam amedrontadas*}.
Copistas do Evangelho, por não terem dado a devida atenção ao título, julgaram que o escrito estava incompleto e trata-

ram de acrescentar¹³ um final que respondesse a uma objeção do género: "Como as mulheres não contaram nada a ninguém? Se nós estamos sabendo, hoje, que Jesus ressuscitou, é porque, ao menos para alguém, elas narraram o acontecido!".

No entanto, o próprio Marcos dá à sua obra um título que exprime suas pretensões: 'Ap^T] TOÛ ζωγγζ^iov... [INÍCIO do Evangelho...]. É como se o autor nos dissesse: "O que está escrito aqui não é tudo, é só o INÍCIO. Muitas outras coisas, com certeza, aconteceram e ainda vão acontecer. Eu estou escrevendo só o que se deu no começo. O resto vocês devem buscar na caminhada da Igreja...".

Portanto, o final "abrupto e estranho" de Marcos não tem nada de abrupto e estranho. Antes, está altamente coerente com o que o autor já havia dito no título de sua obra: ele não quer narrar tudo minuciosamente, não quer esgotar a história. Quer apenas dizer como foi que tudo começou... o início (ixp^TI).

b) O plano:

Uma vez definido ou esclarecido o que o autor pretende, passemos à organização geral do livro, isto é, ao seu **plano**. Para tanto, observemos as propostas de vários estudiosos. A primeira coisa a ser notada é que determinar o plano de Marcos e, por conseguinte, a colocação literária (*Sitz, in der Literatur*) de nossa perícopes não é um trabalho muito fácil. Com efeito, os exegetas e comentadores, partem, muitas vezes, dos mesmos pressupostos e dos mesmos critérios, mas acabam chegando a conclusões bem diferentes. Vejamos brevemente:

J. Gnilka¹⁴ evita uma estruturação muito elaborada. Em sua proposta, Mc 1,1-15 é denominado "o começo" e considerado um bloco à parte. O restante do evangelho é dividido em seis seções

Cf. as notas da *Bíblia de Jerusalém* e da *TEB* para 16,9. Para um aprofundamento da questão: AGUIRRE MONASTERIO, R. & RODRIGUEZ CARMONA, A. *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo, Ave Maria, 1994. pp. 116-119; GNILKA, op. cit. v. 2, pp. 411-419; LANE, W. L. *The Gospel of Mark*. reimpr. Grand Rapids, Eerdmans, 1993. pp. 601-611, entre outros.

GNILKA, op. cit. v. 1, pp. 38.9-10.

(terminologia de Gnilka). Cada uma delas subdivide-se em várias perícopes, sem nenhum outro agrupamento intermediário.

Como critério delimitador de cada nova seção, Gnilka assume a temática do discipulado. Exceto a última ("paixão e vitória"), todas as seções se iniciam com um relato no qual a presença dos discípulos e o tema do seguimento estão fortemente acentuados. E, como veremos a seguir, Mc 4,35-41 constitui a décima perícopa da segunda seção ("doutrina e milagres de Jesus"). Fiel ao seu critério do discipulado, Gnilka assim intitula nosso relato: "os discípulos fracassam na tempestade".

Esquemáticamente, temos (com destaque para a seção que nos interessa)¹⁵:

O começo (1,1-15).

1. Jesus atua soberanamente diante de todo o povo (1,16-3,12).
2. Doutrina e milagres de Jesus (3,13-6,6a).
 1. Instituição do círculo dos Doze (3,13-19).
 2. Repreensões de amigos e parentes. A verdadeira família de Jesus (3,20-35).
 3. A parábola do semeador (4,1-9).
 4. Sobre o ministério do reino de Deus e o ensinamento da • parábola (4, 10-12).
 5. Explicação da parábola do semeador confiante (4,13-20).
 6. Da revelação do oculto e do presente de Deus (4,21-25).
 7. A parábola da semente (4,26-29).
 8. A parábola do grão de mostarda (4,30-32).
 9. Conclusão das parábolas (4,33-34).
10. Os discípulos fracassam na tempestade (4,35-41).
11. Um possesso se converte em pregador (5,1-20).
12. A cura da mulher e a ressurreição da menina morta (5,21-43).
13. Jesus é rejeitado em sua pátria (6, 1-6a).

Neste e nos demais exemplos, seguimos fielmente o método de numeração dos autores citados.

3. Continuamente em viagem (6,6b-8,26).
4. Convite ao seguimento da cruz (8,27-10,45).
5. A atuação de Jesus em Jerusalém (10,46-13,37).
6. Paixão e vitória (14,1-16,8).

W. L. Lane¹⁶ divide a obra em oito unidades. Exceto a primeira (1,1-13, o prólogo) e a última (16,1-8, o relato da ressurreição), todas as unidades são denominadas "seções" e subdivididas em blocos, que, por sua vez, podem ser também subdivididos. Nessa proposta, algumas perícopes, por si sós, constituem uma espécie de subseção, enquanto outras subseções são formadas pelo agrupamento de várias perícopes. E, para ajudar a complicar, não há uma definição muito clara da terminologia.

Diferentemente de Gnilka, que delimita as seções a partir das narrativas que envolvem o discipulado. Lane prefere o critério espacial (Galiléia, fora da Galiléia, a caminho de Jerusalém, Jerusalém). Contudo, para diferenciar as duas fases do ministério na Galiléia, apoia-se em sumários (1,14-15; 3,7-12). No esquema de Lane, nossa perícopa encontra-se na seção III ("fases finais do ministério na Galiléia"). Por outro lado, essa seção se subdivide em sete subseções (algumas constituídas por uma única perícopa). O texto que estudamos é considerado a primeira perícopa da quinta subseção (4,35-5,43), a qual se intitula "o aniquilamento dos poderes hostis a Deus".

O plano proposto por Lane é o seguinte:

- I. Prólogo do evangelho (1,1-13).
- II. A fase inicial do ministério na Galiléia (1,14-3,6).
- III. Fases finais do ministério na Galiléia (3,7-6,13).
 1. Afastamento para o mar (3,7-12).
 2. A escolha dos Doze (3,13-19a).
 3. O caráter da família de Jesus (3,19b-35).
 4. Parábolas referentes ao Reino de Deus (4,1-34).
 5. O aniquilamento dos poderes hostis a Deus (4,35-5,43).

LANE, op. cit. pp. 28-32.

- (a) A sujeição do mar (4,35-41).
- (b) O geraseno endemoninhado: a sujeição do demónio (5,1-20).
- (c) O apelo de Jairo (5,21-24).
- (d) A mulher com hemorragia (5,25-34).
- (e) A ressurreição da filha de Jairo: a sujeição da morte (5,35-43).

6. Rejeição em Nazaré (6, 1-6a).

7. A missão dos Doze na Galiléia (6,6b-13).

IV. Afastamento além da Galiléia (6,14-8,30).

V. A viagem para Jerusalém (8,31-10,52).

VI. Ministério em Jerusalém (11,1-13,37).

VII. A narrativa da paixão (14,1-15,47).

VIII. A ressurreição de Jesus (16,1-8).

D. J. Harrington¹⁷ defende uma rígida estrutura geográfi-co-teológica. O aspecto geográfico refere-se ao deslocamento de Jesus (da Galiléia para Jerusalém); o aspecto teológico evidencia a autoridade de Jesus. Não obstante, a terminologia utilizada é insólita: cada "seção" está dividida em "partes".

Também este estudioso chama a atenção para 4,35-5,43, como um provável agrupamento de relatos tradicionais de milagres. Segundo Harrington, nosso texto foi encaixado na quarta parte ("três ações milagrosas") da terceira seção ("Jesus é rejeitado na Galiléia").

Vejamos:

I. Prólogo (1,1-15).

II. A autoridade de Jesus é revelada na Galiléia (1,16-3,6).

III. Jesus é rejeitado na Galiléia (3,7-6,6a):

¹⁷ HARRINGTON, D. J. The Gospel according to Mark. In: BROWN, R. E.; FITZMYER J. A.; MURPHY, R. E. (eds.). *The New Jerome Biblical Commentary*. London Geoffrey Chapman, 1990. p. 598.

- (A) Respostas positivas (3,7-19a).
- (B) Respostas negativas (3,19b-35).
- (C) Parábolas e explicações (4,1-34).
- (D) Três ações milagrosas (4,35-5,43):
 - (a) Silenciando a tempestade (4,35-41).
 - (b) Exorcizando um demônio (5,1-20).
 - (c) Curando os doentes (5,21-43).
- (E) Rejeição de Jesus por seu próprio povo (6, 1-6a).

IV. Jesus é mal compreendido por seus discípulos na Galiléia e fora dela (6,6b-8,21).

V. Jesus instrui seus discípulos no caminho para Jerusalém (8,22-10,52).

VI. Primeira parte da semana da paixão em Jerusalém (11,1-13,37).

VII. Morte de Jesus em Jerusalém (14,1-16,20).

P. J. Achtmeyer¹⁸ também defende uma organização geral em termos teológicos: a estrutura da narrativa é demarcada por pontos teologicamente importantes. Segundo esse estudioso, o expediente redacional de Marcos foi bem restrito, mas destaca-se pelo acurado arranjo e pela cuidadosa justaposição das várias tradições de que dispunha.

Marcos estaria organizado em cinco partes, cada uma delas é aberta e é encerrada por relatos estrategicamente localizados, embora nem sempre do mesmo tipo. Além disso, cada parte se subdivide em cinco segmentos (terminologia de Achtmeyer). Nossa perícopes está englobada no segmento D ("Jesus realiza ações poderosas") da parte 2 ("o ministério de Jesus na Galiléia"), que se inicia com uma ação envolvendo os Doze discípulos (tal qual partes 3 e 4) e se encerra com uma oposição a Jesus (tal qual partes 1 e 3).

ACHTMEIER, P. J. Mark, Gospel of. In: FREEDMAN, D. N. (ed.). *The Anchor Bible Dictionary*. New York, DoubleDay, 1992. v. 4, p. 541.

A estrutura geral proposta por esse comentador é a seguinte:

1. Jesus aparece pregando o Reino de Deus (1,11-3,6).
2. O ministério de Jesus na Galiléia (3,7-6,6):
 - A. Jesus elege os Doze (3,7-19).
 - B. Jesus elege os verdadeiros seguidores (3,20-35).
 - C. Jesus ensina em parábolas (4,1-34).
 - D. Jesus realiza ações poderosas (4,35-5,43).
 - E. Jesus rejeitado; conflito com os seus (6,1-6).
3. Jesus e os discípulos a caminho (6,7-8,21).
4. Jesus cura cegos; ensinamentos sobre a vida de discipulado (8,22-10,52).
5. Jesus em Jerusalém (11,1-16,8).

A. Rodriguez Carmona¹⁹ assume vários critérios conjuntamente (literários, geográfico-cronológicos e teológicos) e utiliza uma terminologia mais estável. Na proposta desse comentador, o evangelho de Marcos se divide em uma introdução (1,1-13) e em duas grandes partes, as quais pretendem desenvolver as duas teses presentes no título (1,1). A primeira parte (1,14-8,30) quer apresentar Jesus como Messias e se encerra com a confissão de Pedro (8,27-30). A segunda (8,31-16,8), pretende mostrar que tipo de Messias é Jesus, Filho de Deus - Servo Sofredor, e terá seu desfecho na profissão de fé do centurião (15,39).

Nossa perícopé localiza-se na primeira parte ("Evangelho é Jesus enquanto Messias que proclama o Reino de Deus"), na segunda seção ("atuação de Jesus e resposta do povo"), no "agrupamento topográfico e cronológico: atividade ao redor do mar da Galiléia", como o primeiro dos "sinais no lago e seus arredores, a partir do entardecer".

¹⁹ AGUIRRE MONASTERIO & RODRIGUEZ CARMONA, op. cit. pp. 105-109.

Esquemáticamente:

Introdução (1,1-13).

I. Evangelho é Jesus enquanto Messias que proclama o Reino de Deus (1, 14-8,30).

1. Atuação de Jesus e resposta dos fariseus (1,14-3,6).

2. Atuação de Jesus e resposta do povo (3,7-6,6a):

— sumário-anúncio: Jesus rodeado pelo povo (3,7-12).

— relato sobre os discípulos: eleição dos Doze (3,13-19).

— agrupamento quiástico de quem se opõe a Jesus:

família + escribas hierosolimitanos + escribas + família (3,20-35).

— agrupamento topográfico e cronológico: atividade ao redor do mar da Galiléia (4,1-5,43):

* discurso parábólico (4,1-34).

* sinais no lago e seus arredores, a partir do entardecer (4,35-5,43).

— conclusão: os nazarenos se escandalizam de Jesus (6,1-6a).

3. Atuação de Jesus e resposta dos discípulos (6,6b-8,30).

II. Evangelho é Jesus enquanto Filho de Deus que morre e ressuscita (8,31-16,8).

1. Caminhando pela Galiléia e Judéia, Jesus se dirige a Jerusalém, anunciando sua morte e ressurreição (8,31-10,52).

2. Atividade de Jesus em Jerusalém, antes da paixão (11-13).

3. Paixão, morte e proclamação da ressurreição em Jerusalém (14,1-16,8).

Caso consultemos outros comentários, veremos tantas outras propostas. Estas, porém, já nos bastam. Uma vez estudada cada uma delas em separado, o próximo passo é montar uma sinopse, a fim de avaliar as semelhanças e as diferenças entre os planos propostos pelos vários comentaristas. De modo especial, tal quadro sinótico deve evidenciar a perícopes que nos interessa. Algo do tipo:

Gnilka	Lane	Harrington	Achtmeier	Rodriguez Carmona
0 Começo	I. Prólogo...	I. Prólogo...	1. Jesus aparece...	Introdução
1. Jesus...	II. A fase...	II. A autoridade...	2.0 Ministério...	I. Evangelho é...
2. Doutrina...	III. Fases	III. Jesus...	[...]	[...]
[...]	[...]	[...]	(D) Jesus realiza...	* Sinais...
10. Os Discípulos...	(a) A sujeição...	(a) Silenciando...	[...]	[...]
[...]	[...]	[...]	3. Jesus...	II. Evangelho é...
3. Continuamente...	IV. Afastamento...	IV. Jesus...		

Trata-se de uma espécie de painel (algo impossível de se fazer em uma simples folha de sulfite) a ser utilizado como ferramenta, mas que não necessariamente deva aparecer na redação final de uma dissertação.

O que podemos deduzir a partir desse confronto de pró postas? Escolher uma delas ou formular a nossa própria?

Eis aí uma questão para a qual não há uma resposta pré definida. Tudo vai depender de nosso objetivo e do trabalho que estamos elaborando. Como já afirmado, antes de qualquer decisão, procuremos compreender os critérios de cada comentador e avaliar cada plano proposto a partir do texto bíblico. Obviamente, nossa opção deverá recair sobre o que nos parecer mais bem fundamentado.

Em nosso exemplo, vemos que há um bom número de elementos comuns entre as propostas confrontadas. Exceto na de Gnilka, Mc 4,35-5,43 é considerada uma subseção internamente articulada, na qual estão agrupados relatos de ações poderosas de Jesus ao redor do lago da Galiléia. No entanto, é unânime o parecer de que tal agrupamento de milagres tem a finalidade de potenciar ou de acrescentar autoridade à pessoa e ao ensinamento de Jesus. Ou melhor, demonstrar que a doutrina de Jesus e seus milagres provêm da mesma autoridade²⁰. Com efeito, a

²⁰ Na opinião de ACHTMEIER, op. cit. p. 555, "o ponto é que o poder que Jesus demonstrou em seus atos poderosos ele também demonstrou em sua doutrina. Como uma consequência, mesmo se o poder demonstrado em seus atos poderosos não for mais disponível após sua morte, não obstante, o poder envolvido em sua doutrina é".

(sub)seção na qual nosso texto se encaixa apresenta a sujeição dos poderes hostis ao Reino de Deus — os elementos cósmicos (4,35-41), os demónios (5,1-23), a doença (5,25-34) e a morte (5,21-24.35-43) — à autoridade de Jesus. Com isso, retomamos ao problema da identidade de Jesus.

Recordemos, porém, que nosso objetivo não é dar a palavra final sobre a questão do plano da obra marcana (isso implicaria confrontar o maior número possível de propostas), e sim oferecer pistas metodológicas para o trabalho exegético. Por isso, dentre esses poucos comentadores que tomamos como exemplo, optamos, como hipótese de trabalho, pela proposta de Rodriguez Carmona, por considerá-la como a que procura articular o maior número de critérios. Dizer que a tomamos como hipótese de trabalho significa que não descartamos as demais como absolutamente falhas. Antes, significa deixar aberta a possibilidade de que intuições e análises presentes nas demais venham a completar a que escolhemos²¹.

c) O contexto próximo ou imediato:

Como nosso texto se relaciona com aqueles que o rodeiam, isto é, com o precedente e com o seguinte?

A perícopre imediatamente anterior é o sumário conclusivo do discurso parabólico (4,33-34). Nele encontramos dois esclarecimentos sobre a atividade doutrinal de Jesus: é uma palavra (a) sábia (ἰσοπέποιη [parábola]¹², w. 33-34a) (b) ministrada em

Na verdade, estamos diante de uma questão espinhosa: como garantir que o hagiógrafo tivesse consciência de todos os elementos, até mesmo os detalhes, que os exegetas assumem como critérios para estabelecer a organização geral de um livro bíblico? Se tais critérios fossem 100% inquestionáveis e a estrutura da obra igualmente segura e evidente, não haveria tantas divergências entre os estudiosos. Quase que anedoticamente podemos dizer que a única delimitação com a qual absolutamente todos os exegetas concordam é que determinado livro (seja ele qual for) começa no capítulo I, versículo I. De resto, não há unanimidade. Nem mesmo quanto ao último versículo de um livro (neste particular, pensamos no caso de Marcos, conforme a discussão indicada anteriormente).

Ao estudarmos os gêneros literários, vimos que os evangelistas não são muito precisos na utilização deste termo, pois denominam "parábolas" aos

dois níveis (um, destinado às multidões, outro, reservado aos discípulos, v. 34b). Por sua vez, nossa perícopes marca o início de outro tipo de atividade, a taumatúrgica. Até agora, a palavra de Jesus era reconhecida como sábia. A partir deste momento, é necessário averiguar sua eficácia. Para tanto, Mc 4,35-5,43 apresenta uma série de milagres nos quais, com a força de sua palavra, Jesus enfrenta as forças opostas ao Reino de Deus e, por elas, tem reconhecida a sua autoridade.

Vemos, portanto, que a relação de nosso texto com aquele que o precede é de descontinuidade: encerrada uma subseção, tem-se o início de outra, da qual o relato da tempestade acalmada é a porta de entrada.

Isso será confirmado ao considerarmos a perícopes que segue imediatamente à que estamos estudando. O primeiro ligame com o episódio posterior encontra-se na movimentação geográfica. Em 4,35, Jesus decide passar para a outra margem. Tal deslocamento será concluído em 5,1.

Mas não só. O episódio narrado ao longo da travessia tem ligações mais profundas com aquele que o segue: durante a travessia temos um confronto cósmico (Jesus *versus* a tempestade) que prepara o confronto político em território pagão (Jesus *versus* a Legião)²³.

Comecemos considerando, brevemente, o Gênero Literário "relato de exorcismo", que é um tipo específico de relato de milagre. Os relatos de exorcismo possuem algumas características particulares que convém abordar aqui²⁴:

- a indicação do estado do possesso.
- o encontro do exorcista com o possesso.
- a tentativa de defesa por parte do demônio.

mais diversos tipos de discursos, até mesmo aos que a literatura sapiencial classificaria de "*māshâF'*".

²³ Para as referências deste texto à dominação romana, cf. MYERS, op. cit. pp. 237-241.

²⁴ Cf. WEISER, A. *O que é milagre na Bíblia*. 2. ed. São Paulo, Papius, 1978. pp. 89-90.

- a ordem do exorcista ao demónio para que saia do possesso.
- a saída acompanhada de demonstração.
- a reação dos espectadores.

Ora, não nos será difícil evidenciar, em nossa perícopa, boa parte desses elementos:

- o estado do possesso, expresso na agitação do vento e do mar (v. 36):

KCCL YireTca ÀCCLÀKIJJ i-ieYttÀr) *avelou,*

E acontece grande tempestade de vento

Kcd m KÚI-LCCTK èñépttÀÀev elç TO vXoïov,

e as ondas lançavam-se para dentro do barco,

MOTE fi5r| Y^iÇeoOttL TO TTÀ.OLOV.

a ponto de já ficar cheio o barco.

- o encontro do exorcista com o possesso (v. 39a):

Kttl ÔLÉYëpOeiÇ

E, tendo-se levantado,

- a ordem do exorcista ao demónio (v. 39b-e):

è-iiÉTi.iJ.riaer TCÛ (xvé^Cû

repreendeu o vento

Kttl elirer rrj 6ttÀ.ctoor|,

e disse ao mar:

SLCÓTK,

"Fica quieto!"

ñÉCJHI-ICOOO.

Fica amordaçado!"

- a saída acompanhada de demonstração (v. 39f-g)

KttL ÉKOTTttOer Ó KVSI-LOÇ

E o vento cessou

KCO ÉY^ÉTO YO^T|VT| i-ieyttÀri.

e aconteceu grande bonança.

- a reação e o questionamento dos espectadores (v. 41):

KCU ècj)opr]6r|0ttv (j)ópov |iéyoiv

E ficaram muito amedrontados

KttL 'ék^OV ITpÒÇ (XÀÂ/nÀOUÇ,

e diziam uns aos outros:

TÍ.Ç ttptt OUTÓÇ ÉOTLV

"Quem é este, afinal,

OTL K(U Ò cwÉU.οç KCO T] OttÀttOOK UĩttKOUeL «UTCO;

pois até o vento e o mar obedecem a ele?"

Temos, pois, um relato de salvação marítima que empresta o vocabulário e alguns elementos dos relatos de exorcismo. Mas tal afirmação não diz muita coisa a respeito do contexto imediato. Ou seja, não basta dizer que o relato da tempestade acalmada se relaciona com o episódio do endemoninhado gera-seno porque, em ambos, Jesus realiza um exorcismo. Devemos buscar algo mais.

Além do aspecto formal, essas duas narrativas articulam conteúdos que se reclamam mutuamente:

- A insistência em que ninguém conseguia dominar / subjugar o endemoninhado, nem mesmo com correntes e grilhões (5,3.4), faz pensar no vento e no mar, os quais ninguém consegue dominar. Nesse sentido, a pergunta final dos discípulos, em 4,41, pode ser assim interpretada: "Quem é esse que domina / subjuga o vento e o mar?".
- A descrição da atividade do endemoninhado em seu delírio (5,5) é descrita como as ações de um vento impetuoso ou de um mar agitado. Em outras palavras, a tempestade de vento e a agitação do mar equivalem aos fenómenos desencadeados no rapaz geraseno, quando possuído pela Legião.

- Igual correlação pode ter a grande bonança (4,39) com o são juízo do já não mais endemoninhado, mas agora sentado e vestido (5,14).
- O mar no qual se afogam os porcos possuídos agora pela Legião de espíritos impuros (5,13) é o mesmo mar ao qual, momentos antes, Jesus colocara a mordaça (4,39).
- A palavra eficaz de Jesus é portadora de autoridade suficiente para derrotar as forças adversas ao anúncio do Evangelho. A tempestade, o mar e a legião são apenas diferentes faces de Satã, entidade que personifica as potências opostas ao Reino.

Em resumo, essas duas narrativas foram agrupadas²⁵ não só por razões de ordem formal (estrutura semelhante), mas também por causa de seus conteúdos: são como dois quadros que devem ser lidos conjuntamente.

Tal afirmação, porém, nos leva a perguntar se a cena completa compõe-se apenas desses dois quadros, ou se abrange ainda outros. Ora, o estudo do plano da obra já nos havia fornecido a resposta: a cena engloba ainda outros episódios. Estamos, portanto, diante de um "políptico", isto é, uma cena composta por vários quadros — em nosso caso, quatro —, nos quais o Jesus taumaturgo continua a subjugar os poderes opostos ao projeto de Deus.

Tais relatos, porém, serão objeto do **contexto remoto**.

d) O contexto remoto:

Para não nos prolongarmos demais, visto que nosso objetivo é ensinar um método, e não fazer a exegese completa de Mc 4,35-41 (é sempre bom lembrarmos isso!), vamos começar com algumas breves indicações.

Antes de mais nada, devemos recordar que nosso texto se liga a eventos narrados anteriormente em Marcos. Já havíamos

²⁵ Vários estudiosos defendem uma coleção pré-marcana de sete milagres estruturados quiasticamente e incluídos entre dois sumários: 3,7-12 e 6,53-56. Cf. PESCH, R. // *Vangelo de Marco*. Brescia, Paideia, 1980. v. 1, pp. 441-444, e a bibliografia citada por Pesch, à p. 447.

notado, por exemplo, que a decisão da parte de Jesus de atravessar o mar está em consonância com seu desejo de pregar o Evangelho alhures (Mc 1,38). Além disso, o barco já fora preparado em 3,9, embora Jesus só entre nele em 4,1.

A pergunta dos discípulos, igualmente, deve ser considerada em conexão a, pelo menos, três outras, referentes à autoridade de Jesus. A primeira delas é a formulada pêlos presentes na sinagoga de Cafarnaum, por ocasião do primeiro exorcismo: TL koTW TOÚTO; 5IÓtt5(T1 KCtLI^T] KttT' èÇoiJO LOCV • Kttl TOLÇ • iivÉUjJ.ttOL TOLç ffKttôctpTOLÇ èTL-rà.OOÉL, KKL UTTKKODOUOLV 00)1:0. [*Que é isto? Um ensinamento novo com autoridade! E até aos espíritos impuros ele dá ordens e eles obedecem a ele!*] (1,27). A segunda é aquela que será dirigida aos discípulos pelo próprio Jesus, em Cesaréia de Filipe: ui-ien; ôe xim \iç Àeve-re dvaf, [vós, porém, quem dizeis que eu sou?] (8,29). E a última sai da boca dos adversários de Jesus, quando este expulsa os vendedores do Templo: 'E V TTOLtt èÇoUOLtt TttÛTK TTOLÉLÇ; r\ TLÇ 00 L 'éôróKÉV tr\V èÇouoLttv TOurriv \va mvm TTOI.T)Ç; [*Com qual autoridade fazes estas coisas? Ou, quem te deu tal autoridade para que faças tais coisas?*] (11,28).

Vejam-se, ainda, as várias repreensões que Jesus dirige aos discípulos (7,18; 8,17-21.32-33; 9,19; e ainda 16,14 e 4,13). Nelas, a causa é sempre a incredulidade dos que deveriam ser os primeiros a reconhecer e a aderir ao Mestre como Messias.

São outros, porém, os pontos que queremos agora focar. Para tanto, retomaremos a segunda informação do sumário de 4,33-34: em particular, aos discípulos, Jesus ministrava ensinamentos mais profundos do que os dirigidos à multidão.

Sem nenhuma dificuldade podemos constatar que essa mesma duplicidade ocorre em relação aos milagres que Jesus realiza. Isso é, embora em Marcos a maioria dos milagres seja realizada em público, não podemos deixar de notar que há também milagres que Jesus opera apenas na presença dos discípulos (4,35-41; 6,45-52; 11,12-14.20-25), ou na presença de alguns deles (5,35-43), ou mesmo a sós com o agraciado (1,40-45; 7,31-36). Os três milagres realizados somente na presença dos discípulos não são curas, e sim milagres sobre a natureza: as duas travessi-

as sobre o mar (4,35-41; 6,45-52) e a figueira que seca (11,12-14.20-25). A subseção que nos interessa (4,35-5,43) é bastante curiosa, pois nenhum dos milagres nela narrados é presenciado pela multidão enquanto acontece. Haveria nisso uma referência à rejeição, por parte dos judeus, de Jesus como Messias?

Vejamos o seguinte quadro:

	o milagre	quem presencia o milagre acontecendo
4,35-41	Jesus acalma a tempestade	apenas os discípulos
5,1-20	Jesus expulsa o demônio	os discípulos e o possesso (os guardas dos porcos não presenciam o milagre em si, somente a precipitação dos animais)
5,25-34	Jesus cura (sem querer ³⁶) a mulher com um fluxo de sangue	só a mulher (além de Jesus) tem consciência do que está acontecendo (os discípulos e a multidão nem mesmo parecem tomar conhecimento do milagre)
5,21-24.35-43	Jesus ressuscita a filha de Jairo	três dos discípulos e os pais da criança presenciam o ato do milagre (a multidão apenas constata o acontecido)

²¹¹ Sob esse aspecto, temos um milagre bastante curioso. Embora a cura aconteça em meio a uma multidão, a percepção do ocorrido se dá em forma gradativa: primeiro, a mulher curada; depois, Jesus, que realiza um milagre sem querer (em contraste com Mc 1,40-41: 9r|Àco, Kiit6apio9riTr [*quero, fica purificado!*]); a seguir, os discípulos, que, apesar da insistência de Jesus, não confiam em sua advertência de que algo ocorrera; por fim, a multidão, quando a mulher confessa a verdade. Ou seja, trata-se de um milagre realizado em público, mas não percebido durante sua atuação, somente em seus efeitos.

Em nossa perícopie, portanto, temos um milagre cuja realização é presenciada tão-só pelos discípulos, em consonância com o princípio exposto no v. 34b: $\text{KttT}^{\prime}\text{I5i.ccv 5e rolç l\text{o}i\text{o}\text{i}\text{ç} [\text{iaQr}\backslash\text{mi}\text{ç}\ \text{\textcircled{e}}\text{ire}\text{\textcircled{A}}\text{uev vávm} [\text{em particular, porém, a seus discípulos explicava tudo}].$ Como já tivemos a oportunidade de estudar, por ocasião da estruturação do texto, os w. 35-36 insistem que o grupo de discípulos se afasta da multidão.

Além disso, lancemos nosso olhar para o outro relato de salvação marítima, narrado em Mc 6,45-52. Este possui vários pontos de contato com Mc 4,35-41 e parece supô-lo:

- Em ambos os relatos, a iniciativa é apresentada como sendo de Jesus: $\text{\textcircled{d}i,\text{\textcircled{e}}\text{\textcircled{A}}9\text{o}\text{u}\text{i}e\text{v}\ \text{elç}\ \text{TO}\ \text{\textcircled{\textbullet}}\text{i}\text{\textcircled{e}}\text{pttv} [\text{atravessemos para a outra margem}]$ (4,35d); $\text{riwyK-rcoev TOUÇ u.ttGn-CKç tt\text{U}^{\prime}\text{ToC}\ \text{\textcircled{e}}\text{J,pr}\text{roa}\ \text{elç}\ \text{TO}\ \text{IT\text{A}OLOV}\ \text{Kttl}\ \text{vpo}\&\text{yçiv}\ \text{elç}\ \text{TO}\ \text{\textcircled{\textbullet}}\text{i}\text{\textcircled{e}}\text{pKV}\ \text{irp\text{o}}\text{ç}\ \text{Brfiooi.i\text{\textcircled{e}}\&v} [\text{obrigou seus discípulos a entrar no barco e precedê-lo para a outra margem, rumo a Betsaida}]$ (6,45). Jesus $\text{r}\backslash\text{v}\&\text{yKaow} [\text{forçou, obrigou}]$ os discípulos a empreender a viagem (v.45). Por quê?
- Na segunda travessia, Jesus mesmo despede a multidão (6,45). Na primeira, ao contrário, são os discípulos que realizam tal ação (4,36a).
- Na segundo relato, Jesus permanece em terra (6,45-46); no primeiro, está no barco, mas dormindo (4,38a,-a^). Em ambos, portanto, os discípulos estão a sós contra o vento.
- Os discípulos ficam apavorados. Em 4,38c-f, pela fúria do vento e do mar; em 6,49-50a, por julgarem ver um fantasma quando Jesus se aproxima, caminhando sobre o mar.
- A palavra de encorajamento presente em 6,50b parece supor uma experiência anterior do poder de Jesus sobre a tempestade. Com efeito, que implica dizer $\text{\textcircled{c}}\text{apoelre, \text{\textcircled{e}}yr\text{o}\ \text{el}\text{J,r}\ \backslash\text{ir}\backslash\ (\text{\textcircled{!}})\text{ope}\text{i}\text{o}9\text{e} [\text{Coragem! Sou eu! Não temais!}]^{\prime}$. Talvez algo a ser interpretado assim: "Coragem, não sejais covardes! Sou eu! Vocês já me viram

acalmar o vento. Portanto, não tendes medo como da outra vez!".

- Quando Jesus se levanta e pronuncia uma palavra eficaz, o vento e o mar se tomam inativos (4,39); basta a chegada de Jesus no barco, para que o vento se acalme (6,51). Notar que a salvação é descrita com as mesmas palavras: $\kappa\kappa\iota\ \epsilon\kappa\acute{\omicron}\tau\omicron\alpha\epsilon\nu\ \hat{\omicron}\ \delta\nu^{\wedge}\omicron\varsigma$, [*e o vento cessou*],

Devemos, agora, observar a lógica das quatro ações de poder que compõem esta subseção. Como afirmamos há pouco, em Mc 4,35-5,43, temos um políptico: quatro quadros que refletem as várias dimensões do conflito contra Satã:

- 4,35-41: na natureza, que retoma ao caos (dimensão cósmica);
- 5,1-20: na possessão (ou invasão), que destrói a imagem de Deus impressa no homem (dimensão política);
- 5,25-34: na doença, que toma a mulher impura (dimensão religiosa);
- 5,21-24.35-42: na morte, que abala a fé (dimensão existencial).

Curioso é notar que a técnica da intercalação está também presente nos dois últimos relatos: Jesus está a caminho da casa de Jairo quando a mulher com o fluxo de sangue "rouba" dele uma cura. Tanto quanto no caso da tempestade e do endemoninhado geraseno, o texto intercalado antecipa o sentido do intercalante. Lane assim o exprime: "a cura da mulher que viveu com a ameaça da morte antecipa a cura da menina que está atualmen-te experimentando a morte. [...] A cura experimentada pela mulher é ela mesma um reverso da morte e uma garantia da ressurreição da filha de Jairo"²⁷.

Além disso, o tema da fé, que estivera ausente no episódio do endemoninhado geraseno (talvez por estarmos em território pagão), reaparece nestes dois últimos quadros. Nas três vezes

em que tal tema se faz presente nesta subseção, encontra-se sempre na boca de Jesus:

- 4,41: κ(U direis KÛTOLÇ, TL ôeiloi arre; OUTTCJ 'é/e-ce TTLOTLV; [e <ít'55'e a e/fí; *"Por que sois covardes? Ainda não tendes fé?"*].
- 5,34: ò 5e el-ïiev ccû-rii, Ouvcm-ip, •n ïILOI:L(; oou oéofcûKW oe" ÛTOye ei-ç elpr|vr|L' κ(Û '1061 v/LTIÇ OTO TTIÇ LittaTLYÓÇ oou. [Mui *ele disse a ela: "Filha, tua fé te salvou! Vai em paz. e fica curada deste teu tormento!"*].
- 5,36: ò 5e 'Ir|0ot)ç TrttpttKouótχç tbv ÀÓyor ÀocÀou^evov À.ÉYÉI TO ttp^i.ourttYCûY" MTI c)ο|3oC, liónov Tuo-reue. [Mui JeíMí, *ouvindo a palavra que fora pronunciada, diz ao chefe da sinagoga: "Não temas, apenas tem fé!"*].

No episódio da tempestade, trata-se de uma repreensão, enquanto, nos outros dois, temos um encorajamento. Por outro lado, nos dois primeiros casos, temos o milagre já realizado, enquanto, no terceiro, ainda estamos à espera.

Talvez devamos ver, nesses relatos, três aspectos daquela fé que Jesus espera dos discípulos:

- na tempestade acalmada: quem não tem fé fracassa no confronto com os inimigos do Reino de Deus;
- na cura da mulher: a fé impede que a salvação trazida pelo Reino permaneça submissa aos preceitos religiosos;
- na ressurreição da filha de Jairo: mesmo quando os poderes opostos ao Reino parecem ter vencido, a fé dos discípulos pode reverter a situação.

Em conclusão, o estudo do contexto remoto abre-nos a seguinte perspectiva: embora sejam expressões que aparecerão apenas em Mateus e Lucas, Marcos parece querer apresentar Jesus como superior a Salomão (discurso parabólico) e também superior a Jonas, a Elias e a Eliseu (coleção de milagres). O relato da tempestade acalmada inicia o desenvolvimento do segundo aspecto, a saber: Jesus não é somente o Messias da pala-

vra, mas também o Messias da ação, pois repete e supera as ações dos profetas do AT. Com efeito, Jesus realiza os milagres, não mais com a força de Deus, mas por seu próprio poder. Ou, de outra forma, a palavra de Jesus não é apenas plena de sabedoria, mas também plena de poder e eficácia, pois ele tem o mesmo poder criador de Deus, poder este capaz de subjugar as forças demoníacas e de estabelecer uma realidade nova e libertada.

2.4. Exercícios

Começemos com os textos que nos acompanham desde o início:

Antigo Testamento: Gn 39,1-6a; 2Sm 16,5-14; 2Rs 4,1-7; Is 21,1-10; 45,1-7.

Novo Testamento: Mt 11,20-24; 26,6-13; Mc 1; Lc 6,1-11; Rm 11,16-24; Ap 3,1-6.

E mais alguns outros, pois, como diz um ditado, "é a prática que faz o mestre": Jz 2,11-19; 1 Rs 21,17-29; Am 1-2; Mt 8,5-13; Lc 9,18-27.

3. BIBLIOGRAFIA

ACHTMEIER, P. J. Mark, Gospel of. In: FREEDMAN, D. N. (ed.). *The Anchor Bible Dictionary*. New York, Doubleday, 1992. v.4.pp.541-557.

AGUIRRE MONASTERIO, R. & RODRIGUEZ CARMONA, A. *Evangelhos sinóucos e Mós dos Apóstolos*. São Paulo, Ave Maria, 1994.

BRISEBOIS, M. *Dés méthodes pour mieux lire la Bible - l'exegese historico-critique*. Montreal, SOCABI-Paolines, 1983.

BULTMANN, R. *Die Gheschichte der Synoptischen Tradition*. 9. ed. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1979.

EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*. São Paulo, Loyola, 1994.

- GNILKA, J. *El Evangelio según San Marcos*. Salamanca, Sígueme, 1986.2 v.
- HARRINGTON, D. J. The Gospel according to Mark. In: BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (eds.). *The New Jerome Biblical Commentary*. London, Geoffrey Chapman, 1990. pp. 596-929.
- HUMPREYS, W. L. Novella. In: COATS, G. W. (ed.). *Saga, Legend, Tale, Novella, Fable*. Sheffield, Sheffield Academic Press, 1985. pp. 82-96.
- LANE, W. L. *The Gospel of Mark*. reimpr. Grand Rapids, Eerdmans, 1993.
- LÊ DÉAUT, R. La Septante, un Targum? In: ASSOCIATION CATHOLIQUE FRANÇAISE POUR L'ÉTUDE DE LA BIBLE. *ÉtudeS SW lé Judaïsme Hellénistique*. Paris, Cerf, 1984. pp. 147-195.
- MAINVILLE, O. *A Bíblia à luz da História. Guia de exegese-histórico-crítica*. São Paulo, Paulinas, 1999.
- MARXSEN, W. *El evangelista Marcos - Estudio sobre la historia de la redacción del Evangelio*. Salamanca, Sígueme, 1981.
- MYERS, C. *O Evangelho de Marcos*. São Paulo, Paulinas, 1992.
- PESCH, R. *Il Vangelo ai Marco*. Brescia, Paideia, 1980. 2 v.
- SCHUSSLER-FIORENZA, E. Exemplificação do método exegético. In: SCHREINER, J. (ed.). *Palavra e Mensagem*. São Paulo, Paulinas, 1978. pp. 497-526.
- SIMIAN-YOFRE, H. (ed.). *Metodologia do antigo Testamento*. São Paulo, Loyola, 2000.
- SMITMANS, A. Los métodos exegéticos en un ejemplo tomado del Nuevo Testamento: Ap 14. In: SCHREINER, J. (dir.). *Introducción a los métodos de la exégesis bíblica*. Barcelona, Herder, 1974. pp. 195-252.
- SOULEN, R. N. *Handbook of Biblical Criticism*. 2. ed. Atlanta, JohnKnox, 1981.
- STECK, O. H. *Exegese des Alten Testaments*. 13. ed. Neukirchen, Neukirchener, 1993.
- STENGER, W. *Metodologia Bíblica*. Brescia, Queriniana, 1991.

STRECKER, G. & SCHNELLE, U. *Einführung in die neutestamentliche Exegese*. 4. ed. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1994.

TERRY, M.S. *Biblical Hermeneutics*. 4. reimpr. Grand Rapids, Zondervan, Grand Rapids, 1976.

Tov, E. *The Text-Critical use of the Septuagint in Biblical Research*. Jerusalém, Simor, 1981.

ZENGER, E. *Los métodos exegéticos en un ejemplo tomado del Antiguo Testamento*. In: SCHREINER, J., (dir) *Introducción a los métodos de la exégesis bíblica*. Barcelona, Herder, 1974. pp. 129-194.

ZIMMERMANN, H. *Metodologia del Nuovo Testamento*. Torino, Marietti, 1971. pp. 192-233.